

(2011) GILBERTA ROCHA (COORD.); EDUARDO FERREIRA & DERRICK MENDES, *ENTRE DOIS MUNDOS: EMIGRAÇÃO E REGRESSO AOS AÇORES*. PONTA DELGADA, GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES.

Álvaro Borralho – Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

Numa edição do Governo Regional (Secretaria Regional da Presidência e Direcção Regional das Comunidades), a obra consiste num estudo acerca dos emigrantes açorianos regressados à região, a partir de um inquérito por questionário lançado pela Direcção Regional das Comunidades nos anos de 2006-2008. Apresentada pela Directora Regional das Comunidades e prefaciada por Maria Lucinda Fonseca, do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, a obra aborda a complexidade do regresso dos emigrantes açorianos, sem esquecer os seus percursos de emigração e de regresso, não só do ponto vista objectivo – das práticas efectivas –, mas também do ponto de vista subjectivo, ou seja, das representações sociais (aspirações, narrativas) dos emigrantes.

Trata-se de um estudo no seguimento dos realizados por Octávio Medeiros e Artur Madeira, no início da década de 2000, e elaborados no Centro de Estudos Sociais, donde este também provém. A temática é rica, complexa e apaixonante, pois desafia as inter-

pretações teóricas sobre o fenómeno migratório – eventualmente a rever as explicações consagradas – como obriga a testar novas metodologias de abordagem a esta realidade. No fundo, a fazer a ciência, partindo-se da permanente reconstrução que o fazer ciência implica, testando novas hipóteses, novos quadros de análise, novas metodologias para verificar



eventuais novos resultados. Em suma, o trabalho de cientistas que só a partir daquilo que a ciência estabelece só pode edificar e saber.

Começando por abordar os traços gerais da emigração açoriana da segunda metade do século XX até à actualidade, a análise remete para a emigração a partir da década de 1950, especialmente realizada para os EUA e para o Canadá até 1980, pois é desta que se verifica o regresso aos Açores. Neste período, “saíram do arquipélago cerca de 31.000 indivíduos, valor este que ultrapassou o triplo do registado na totalidade das décadas de trinta e quarenta, ou seja, 9.000 indivíduos”. O pico é atingido no final de 1960, no que terá sido relevante o regime de excepção criado pelos EUA para a população do Faial e do Pico em virtude das erupções vulcânicas dos Capelinhos, assim como a descoberta do novo destino: o Canadá. Caracteriza-se por ser “uma emigração do tipo familiar”, ou seja, que acaba por arrastar todos os membros da família nuclear constituída e não só o homem. Isto tem grande relevância na baixa de efectivos populacionais na região, envolvendo um “acelerado decréscimo populacional”. O regresso manteve carácter excepcional e a emigração foi quase sempre definitiva, embora, por parte dos emigrantes, se alimentasse essa expectativa de regresso, ao nível das suas representações sociais.

Uma vez emigrados, as dificuldades são de vária ordem, não só as que transportavam consigo, caracterizadas pela falta de recursos económicos, educativos e sociais, como as colocadas pela inserção num espaço cultural consideravelmente distinto, a começar pela língua. Por isso, a integração no país de destino faz-se, em especial, através da participação social em associações portuguesas, e mesmo assim com níveis diferenciados, sendo quase nula a participação cívica nas sociedades de destino. O exercício de formas mais elaboradas de cidadania, como o exercício de voto regista uma ausência de 82,2%. Com efeito, a maior parte dos emigrantes são oriundos do sector agrícola e das pescas (52,3%) seguidos da construção civil (11,3%), quer dizer, de uma população desprovida de vários tipos de recursos (económicos, educativos, sociais) que vislumbram na emigração a melhoria da sua condição social. Assim, não espanta, antes estabelece uma correlação efectiva, a procura de condições de realização sociocultural no ambiente e no meio português emigrado onde a língua é a mesma e, mais do isso, o conjunto das significações culturais, simbólicas e religiosas.

O tão ambicionado regresso, a julgar pelas representações sociais – a “quimera”, nas palavras de Apresen-

tação –, é uma realidade especialmente a partir da década de 1980 até 1995, sobretudo da emigração dos Estados Unidos e do Canadá. A partir de 2000 é sobretudo proveniente das Bermudas. O estudo parece apontar para o facto de a emigração para as Bermudas ser um caso, uma especificidade, dentro do panorama da emigração açoriana – a necessitar de um estudo de caso –, pois apresenta uma configuração diferente, sendo menos longa no tempo e recorrente. A confirmá-lo, os dados referentes ao perfil do emigrado: mais novos e, eventualmente, um pouco mais instruídos que as gerações anteriores – os níveis de instrução são, no geral, baixos –, o que poderá ser confirmado em estudos posteriores. Importa até, não deixar de caracterizar esta emigração para as Bermudas, pois parece indicar uma procura diferente daquela

que motivou a emigração para o continente norte-americano. Não se trata apenas de uma geografia diferente, mas de razões e expectativas sociais diferenciadas por parte dos emigrantes. A suportar esta interpretação, além do que se disse antes, indícios fortes de se estar perante uma emigração sazonal, assente numa estratégia já não de sobrevivência, mas de aquisição de ganhos materiais mais substanciais. Isto é, pode-se estar perante uma estratégia de capitalização de recursos, ou de vantagens acumulativas, sem uma vontade de partir e fixar a vida no país de destino, mas de satisfação de recursos ainda insatisfeitos na região. Seja como for, também aqui, o estudo cumpre, abrindo novas pistas para novas reflexões e prosseguimento da análise.

ÁLVARO BORRALHO